

EDITORIAL

Violências e Autodefesas II

Dois meses após a maior chacina policial da história do país, pelo menos registrada em números oficiais, comandada pelo governador do estado do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, nas comunidades Vila Cruzeiro e Alemão, a Revista Tapuia não pode lançar seu sexto número, cujo tema é ainda ‘Violência e Autodefesas’, sem manifestar repulsa pela política de morte racista que se agrava em nossos territórios, e sem expressar profunda solidariedade com as famílias enlutadas. Lembramos sempre que ‘solidariedade’ não pode ser só uma palavra. Esta não é uma publicação neutra, tentamos dar voz aos discursos dissidentes, ao que não é dito pois segue encoberto pelo monopólio da violência do discurso dominante; buscamos criar memória e construir novos sentidos, pois acreditamos na resignificação como autodefesa. Falar em vidas vivíveis é falar em autodefesa. É compreender também que a violência simbólica; no âmbito do sentido linguístico, não se separa rigidamente da violência física, concreta, do mesmo modo que a cultura não se separa da natureza. Olhar assim já é uma mudança de perspectiva. Por isso também não estamos aqui clamando por representatividade, estamos do lado dos irrepresentáveis, dos que não negociam, pois sabemos que transformando pessoas em *valor de troca*, o capital só se reproduz. Ao lado, sempre, de uma montanha de corpos bem concretos. É tomando lado nesta guerra que os discursos aqui reunidos precisam ser considerados.

Abrimos o presente volume com *Quebrar Máquinas, Destruir Estátuas*, escrito por Acácio Augusto e Ana Clara da Mata, que nos lembra justamente da função performativa da destruição de monumentos enquanto inserida dentro de uma guerra de narrativas que disputa memórias e significações. A destruição de monumentos pode ser tomada como um *ato de fala* que permite contestar narrativas hegemônicas e tirar do lugar de absoluto o que foi instaurado como universal e indestrutível. E é ainda no âmbito da destituição de figuras e criação de novas metáforas que podemos ler o artigo de Cleiane Pereira Souza dos Santos: *Amoladas à Pedras-De-Rio e Águas*, que nos mostra como mulheres negras lavadeiras de uma zona periférica de Teresina, Piauí, transfiguram e revaloram o sentido do ‘aguentar’. Pode o ‘suportar’ ser uma forma de combate e resistência? Aqui a dimensão performativa e os rituais cotidianos, diretamente relacionados ao âmbito do cuidado, aparecem como fundamentais para escaparmos aos padrões binários – passivo x ativo – de leitura da realidade na relação com o luto. E é também como sendo sobre as possibilidades e os limites das narrativas dissidentes, dentro do

mercado cinematográfico, que podemos ler *O Herói de Apenas uma Face*. Neste artigo, a autora Lune Pilipczuk aborda o monomito de Campbell no cinema como sendo uma narrativa branca e hetero-patriarcal que se toma como universal, homogeneizando imaginários. Aqui importa ver como o monomito ganha função estruturante, mesmo que não seja por correspondência a uma forma psicológica universal, mas por imposição violenta e colonial de uma maneira de viver. Em *Arcos, Flechas e Guerras*, Maxury Milena Morene nos ajuda a sustentar como a condição histórica recorrente da manutenção das sociedades com Estado, ainda que ditas democráticas e civilizadas, sempre foi a violência. Colocando para conversar La Boétie, Pierre Clastres e Ailton Krenak, compreendemos os elementos envolvidos na guerra ainda em curso, enquanto guerra colonial, guerra entre formas de vida e ontologias: a do ‘todo um’, centralizada, hierárquica e tirânica, versus a dos ‘todos uns’, plural, igualitária e comunitária. Tal guerra aparece também em *O Cruzamento Colonial*, onde Brune Herculane enfoca a violência policial nas favelas como continuação do projeto colonial na interseção entre opressões de raça e gênero. Porém, se esta guerra de fundo, responsável pela dominação e retomada de territórios, segue vindo à tona, de modo permanente, sabemos ainda que é porque, ao lado da falha da representação, insistem rachaduras: o irrepresentável; o inefável; a singularidade. É aqui que entra a perspectiva de *Max Stirner Pós-Anarquista*, por Ricardo Mattos, que utiliza Saul Newman para retomar Stirner no contexto atual, trazendo a reflexão sobre os elementos de um anarquismo insurrecionário no agora e reforçando ainda os limites das classificações impostas ao pensador.

Fechamos este número com a tradução ao português de Wellington Federico do primeiro capítulo de *Alebrijes Anárquicos: Anarquía, práxis anticolonial e autonomia na América Latina*, de Gaja Makaran e Cássio Brancalone. A obra estabelece convergências não sintéticas entre formas de vida contra o estado em *Abya Yala* e práticas libertárias de auto-organização que atravessam o tempo, estabelecendo aquilo que os autores denominam ‘anarquias empíricas’, e que podemos ler também como uma ética contracolonial. Esperamos que esta edição contribua para libertação de dragões e bestas coloridas que subvertam o normal naturalizado, e que estes nos permitam imaginar antes o fim da forma estatal-colonial e capitalista do que o fim do mundo.

Que em 2026, nossa terra siga viva!